

# “Onde está você agora?” – Uma investigação sobre os contextos não locativos de *onde* na fala paulista

**Milena Aparecida de Almeida**

Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa

UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, São Paulo

E-mail: [milena.aparecida@unesp.br](mailto:milena.aparecida@unesp.br)

O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPESP nº 2018/05122-0

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6529-1510>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Chamada temática

**Volume 5**

**Número 2**

**Recebido em:** 14/04/2020

**Aprovado em:** 05/06/2020

## Resumo

O presente artigo tem por objetivo propor reflexões sobre o processo de gramaticalização de **onde**, já atestado por inúmeros trabalhos (MARINHO, 1999; SOUZA, 2003; BRAGA, MANFILI, 2004; CAMBRAIA, ARAÚJO, 2004; LIMA, 2007; ZILLES, KERSCH, 2015; MELO, BARBOSA, 2018; ALMEIDA, BERLINCK, 2019; SOUZA, CARVALHO, 2019). Dessa forma, intenciona-se averiguar as categorias semântico-cognitivas que o item faz referência através dos conceitos de gramaticalização e metáfora (LAKOFF, JOHNSON, 1980; TRAUOGOTT, HEINE, 1991; HEINE et al, 1991), apontando para um caminho de abstração semântica. Por conseguinte, é também do interesse relacionar como e porque tais usos mais abstratos se relacionam dentro de tipologias textuais distintas. O corpus utilizado foi construído através do banco de dados IBORUNA, do projeto ALIP (Gonçalves, s.d) e a quantificação dos dados feita a partir de R (CORE TEAM, 2018). Foram analisados 74 usos de **onde** em contextos não locativos, atestando para a sua multifuncionalidade. O trabalho, assim, contribui para a bibliografia de **onde** na medida em que busca trazer novos olhares para o fenômeno sintático.

## Palavras-chave:

Pronome relativo **onde**, Gramaticalização, Metáfora.

## 1 Considerações preliminares

O processo de gramaticalização de um item gramatical se caracteriza pelo elemento, que atua em um nível representacional da língua, perdendo esse valor de referência a objetos ligados a uma realidade biossocial, para admitir usos em nível interpessoal. Ou seja, assume uma função que se relaciona a um processo de comunicação dentro de um contexto específico de uso (MARTELOTTA, 2011). Tal desenvolvimento linguístico é extremamente produtivo nas línguas e atestado, por exemplo, para o pronome relativo **onde**.

O referido elemento linguístico traz uma diversidade de classificações na tradição gramatical. Remontando as gramáticas normativas portuguesas, que tem por intenção de prescrever a norma padrão dessa variedade, encontra-se menção aos pronomes relativos, sendo um deles **onde**. O item também é apontado como um advérbio (MATEUS, et al, 2003) e apresenta-se um consenso no que diz respeito a suas referências anafóricas:

- (i) “**onde** usa-se unicamente como obliquo **com valor locativo**” (MATEUS, et al, 2003, p. 664 [grifos nossos]);
- (ii) “podemos ainda acrescentar a palavra **onde** quando equivalente de **em que**, e admissível somente quando se referir **a nome que exprima coisa ou lugar**” (SAD ALI, 2001, p. 85 [grifos nossos]).

Dessa forma, observa-se uma norma no que se relaciona a função de **onde** dentro do discurso. O contexto em que é “permitido” o seu uso diz respeito, estritamente, a uma noção locativa, ou seja, um espaço físico que se encontra dentro em uma realidade biossocial.

Ao tomar como direcionamento as gramáticas normativas produzidas exclusivamente para contextos brasileiros, depara-se com um movimento semelhante. Há um consenso em evidenciar **onde** como um pronome relativo indefinido pelo emprego absoluto que pode apresentar em determinados contextos (CUNHA, CINTRA, 2008; BECHARA, 2009). Assim, nesses casos:

- (iii) “muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, **quem** em **aquele que**, e **onde** em no **lugar em que**” (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 360 [grifos dos autores]);
- (iv) “muitos autores preferem, neste caso, subtender um antecedente adaptado ao contexto. Interpretando **quem** como **a pessoa que**, **onde** como o **lugar em que** [...]” (BECHARA, 2009, p. 172 [grifos do autor]).

Isto posto, nota-se uma semelhança na prescrição das duas variedades quanto ao contexto de uso do item. Para a norma padrão brasileira, **onde** também se associa a um valor locativo, ou seja, uma referência anafórica de cunho concreto, realizada no espaço de realidade biossocial. Nesse sentido, os autores pontuam uma outra

designação para esse pronome relativo em específico: a de **advérbio relativo**. Isso a partir da função expressa por **onde** de advérbio adverbial, devido a sua função de referência exclusivamente locativa (CUNHA, CINTRA, 2008, p. 365).

Por fim, uma perspectiva complementar, ao mesmo tempo que contrária, já evidencia o percurso de gramaticalização de **onde**: as discussões propostas pelas gramáticas descritivas. Dois exemplos que podem ser tomados para ilustrar esse outro viés são as gramáticas de Neves (2018) e Castilho (2014).

Para Neves (2018) **onde** é um tipo de advérbio, junto das formas **como** e **quando**, por cumprir a função de adjunto ou complemento adverbial de lugar dentro da oração. Porém, ao refletir sobre a equivalência da forma com **em que/no qual**, testando possíveis substituições quando há a presença de um antecedente, a autora faz uma ressalva, seguida de exemplos:

- (v) “o pronome **onde** é muitas vezes usado equivalente a **em que/no qual**, mas sem valor locativo. A construção não é abonada nas lições normativas, embora se trate de um uso antigo e frequente na língua” (NEVES, 2018, p. 667 [grifos do autor]).

Partindo de uma classificação similar, Castilho (2014) acrescenta em sua descrição o estudo de Braga e Manfili (2004). Tal investigação parte do uso de **onde** como pronome relativo preposicionado, observando as referências anafóricas cognitivo-semântica de **lugar**, **tempo**, e entre outras. Assim, “essas autoras notaram que a função de adjunto favorece a opção por **onde**, e a de argumento, a opção pelo pronome relativo preposicionado.” (CASTILHO, 2014, p. 368).

Dessarte, é a partir de tais considerações, que problematizam a referência **exclusivamente** locativa do pronome, que investigações mais profundas se fazem necessárias. Assim, elenca-se uma bibliografia recente que investiga o elemento linguístico **onde** e a sua multifuncionalidade no Português Brasileiro, alguns através de dados de fala (SOUZA, 2003; CAMBRAIA, ARAÚJO, 2004; ALMEIDA, BERLINCK, 2019) e outros com dados de textos escritos (LIMA, 2007; MARINHO, 1999; ZILLES, KERSCH, 2015; MELO, BARBOSA, 2018; SOUZA, CARVALHO, 2019). O que grande parte desses trabalhos destacam é que há uma investigação consistente que nos permite afirmar que o pronome relativo se encontra em processo de gramaticalização. Exemplos como (1) e (2) ilustram a discussão proposta:

- (1) “no Nordeste por exemplo nós temos... **ainda o coronelismo... onde aqueles... Velhos coronéis ainda imperam a política...**” (AC-113; RO: L. 210-211)
- (2) “o povo não tem votado direito... e... o país os municípios os estados... não têm sido bem sucedido... em algumas eleições... vide:: **a eleição do... Fernando Collor... onde ele (pregô(u)) tanto...** e depois foi... deu no que deu... ele o povo brasile(i)ro naquela... esperança da salvação que o povo vive até hoje...” (AC-113; RO: L. 218-222)

Em ambos os casos, **onde** introduz uma oração relativa com núcleo<sup>1</sup>. Assim, não se efetua o que se esperava da tradição gramatical, um antecedente locativo. Em (1) a referência é **coronelismo**, uma **noção** (política), enquanto que em (2) é a **eleição do Fernando Collor**, uma **atividade** (também política). Ou seja, o que é averiguado nos dois exemplos é um uso em nível interpessoal (MARTELOTTA, 2011), que assume a função de retomar contextos específicos dentro do processo comunicativo do falante.

Partindo desse cenário, o objetivo deste estudo é apresentar reflexões acerca do processo de gramaticalização de **onde**, com enfoque para os usos não locativos – e assim, não prescritos pelas gramáticas normativas. Intenciona-se propor discussões a respeito das referências anafóricas, isto é, as categorias semântico-cognitivas que o elemento retoma. Por fim, tem-se o interesse de propor interpretações que perpassam um viés cognitivo e metafórico sobre a escolha de tais usos no discurso.

Para que isso seja possível, adota-se uma metodologia Sociofuncionalista, tendo a Teoria de Variação e Mudança linguística como um viés heurístico e o Funcionalismo como suporte teórico. O *corpus* foi construído a partir do bancos de dados IBORUNA do projeto ALIP (Gonçalves, s.d). Em virtude das questões apresentadas, o artigo divide-se em (ii) fundamentação teórica – espaço destinado à explicitação de correntes teóricas utilizadas para a análise; (iii) decisões metodológicas – detalhar as escolhas metodológicas diante do fenômeno; (iv) análise dos dados – a devida exposição dos dados e a subsequente interpretação; e, por fim, as (v) considerações finais.

## 2 Fundamentação teórica

A Teoria de Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003) se firmou a partir de uma concepção de língua como um sistema de expressão e comunicação heterogêneo utilizado por uma comunidade em que “desvios do sistema homogêneo não são erros ou extravagâncias a serem atribuídas ao desempenho (ou performance)” (WEINREICH et al., 2006 [1968], p.121). Por conseguinte, tais “desvios” se configuram dentro da comunidade de fala e podem ser descritos e analisados segundo essa realidade. Postula-se, assim, a variação linguística, como resultado da língua em sua funcionalidade no contexto em que se encontra e sua devida interação linguística entre os falantes (WEINREICH et al., 2006 [1968], p.121).

---

<sup>1</sup> De acordo com Braga, Kato e Mito (2015, p. 188): “os principais tipos de sentenças relativas são formalmente estabelecidos de acordo com a presença ou ausência de um nome, chamado de núcleo, externo a eles. Na presença do nome [...] a sentença relativa aparece adjacente a ele e é chamada de relativa com núcleo”.

À vista disso, a Teoria de Variação e Mudança Linguística norteia esse estudo no sentido de sua visão de língua e métodos aplicáveis ao conjunto de dados disponíveis. Isso, pois, o fenômeno em investigação não se trata de um fenômeno variável *strictu sensu*: não está sendo analisado várias formas de uma função. É, justamente, o oposto: busca-se entender as várias funções de uma forma. Porém, a metodologia de tal modelo teórico permite caracterizar os contextos do uso de **onde**.

Acrescenta-se o fato de que, para a Teoria de Variação e Mudança Linguística, há uma grande discussão e reflexão dos pesquisadores no que se relaciona com as variáveis de nível mais alto. Como debatido por Lavandeira e Labov (WEINER, LABOV 1983; LAVANDERA, 1978), o conjunto de dados sintáticos e morfológicos correspondem algumas configurações diferentes do nível fonético-fonológico. Um exemplo é (i) a baixa frequência de dados disponíveis para análise e (ii) a avaliação social, que se apresenta como um resultado de (i) – ou seja, menor frequência configura um fenômeno "menos marcado" socialmente (MILROY, GORDON, 2003). Dessa forma, se torna necessário outros aportes teóricos para a investigação.

Freitag (2009) propõe tal discussão para a Sociolinguística brasileira quando analisa a variação entre a forma perifrástica e o pretérito imperfeito do indicativo na expressão de passado imperfectivo. Entre os dois pontos evidenciados como problemáticos e buscando uma interface teórica que dê conta da limitação evidenciada, a autora propõe que fenômenos contínuos admitem explicações através de modelos funcionais “que pressupõem o processo de variação como a sobreposição de funções em um contínuo de mudança” (FREITAG, 2009, p. 126).

Partindo dessa reflexão, um movimento extremamente comum é o do Sociofuncionalismo, interface da Sociolinguística variacionista com o Funcionalismo linguístico, que traz para o tratamento da variação linguística:

[...] um controle bastante refinado de grupos de fatores linguísticos, com a inclusão de restrições de natureza discursivo-pragmática [...], que podem receber, de início, tratamento analítico escalar, sujeito a posteriores amalgamações. Além disso, é possível, para o pesquisador que assume um olhar sociofuncionalista, a observação do aspecto social da variação e da mudança de modo mais preciso, incorporando em seu estudo, por exemplo, fatores interacionais ligados à negociação entre falante e ouvinte na situação comunicativa. (GORSKI, TAVARES, 2013)

Um dos principais pontos de convergência teórica que contribuem para a formulação do Sociofuncionalismo é o processo de **gramaticalização** relacionado a variação e mudança morfossintática (GORSKI, TAVARES, 2013). Dessa forma, a proposta de estudo aqui apresentada se vincula a essa abordagem.

A noção de **gramaticalização** adotada parte do Funcionalismo norte-americano em que se entende o processo, em linhas gerais, como mudanças que um item linguístico sofre a medida em que se torna mais gramatical. O percurso pode tornar um item lexical em um item gramatical ou um item gramatical a desenvolver

propriedades mais gramaticais, ou seja, tornar-se mais gramatical (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES, CASSEB-GALVÃO, 2007).

Dentro desse movimento, encontram-se noções que buscam atestar o curso que o item linguístico apresenta no decorrer do seu processo de gramaticalização. Um deles é o da **metáfora** (HEINE et al, 1991; HOPPER, TRAUGOTT, 1993; LAKOFF, JOHNSON, 1980). Os processos metafóricos encontram-se embrenhados em nosso dia a dia para além de uma dicotomia entre linguagem literal e poética, sendo um mecanismo disponível para ampliar concepções humanas através da língua. Como é defendido por Lakoff e Johnson (1980), a construção dos valores de uma determinada cultura perpassa os movimentos metafóricos, de tal forma que podemos apontar esses movimentos incidindo na estrutura do pensamento humano (cognição). Em linhas gerais, “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada, e, conseqüentemente, a linguagem é metaforicamente estruturada” (LAKOFF, JOHNSON, 1980, p. 5)<sup>2</sup>.

Investigar as manifestações metafóricas na língua permite um movimento de ampliação da compreensão sobre determinados fenômenos linguísticos, refletindo sobre a sua complexidade estrutural e buscando encontrar um motivo pelo qual ela se apresenta na fala do indivíduo. Portanto, dentro do processo de gramaticalização, ao utilizar o conceito de metáfora o que se busca é “compreender e experienciar um certo tipo de coisa em termos de outro e [quanto à] direcionalidade de transferência de um significado básico, geralmente concreto, para um mais abstrato” (HOPPER, TRAUGOTT, 1993, p.77). Dito de outro modo, a medida que o item se torna mais gramatical ele passa por um processo de transferir um sentido de valor mais concreto para um mais abstrato, em um processo de abstração (HEINE et al, 1991).

Tal processo admite escalas ou *clines* para averiguar a trajetória do item linguístico dentro do processo de gramaticalização. Em um primeiro momento, Traugott e Heine (1991) pontuam um cline geral da seguinte forma: **espaço > tempo > texto**. Outra unidirecionalidade apresentada, de forma mais refinada e levando em conta processos cognitivos<sup>3</sup>, é a de Heine et al. (1991): **pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade**. Em ambas as escalas, o que se verifica é um movimento inicial voltado para a realidade concreta até o ponto mais avançado em que “os sentidos são de natureza lógico-semântica, prevalecendo o cumprimento de papéis textuais ou discursivos” (OLIVEIRA, 2010, p. 30).

Vale ressaltar que o movimento de mudança linguística a partir da gramaticalização ocorre em uma direção única, como o termo unidirecionalidade

<sup>2</sup> Tradução nossa: “The concept is metaphorically structured, the activity is metaphorically structured, and, consequently, the language is metaphorically structured.” (LAKOFF, JOHNSON, 1980, p. 5)

<sup>3</sup> Tal como apontado por Martelotta (2010, p. 52): “Em primeiro lugar, os elementos que a compõem constituem domínios de conceptualização importantes para estruturar a experiência em termos cognitivos. Esses domínios cognitivos ou conceptuais, concebidos como grupos de conhecimentos estruturados, constituem representações mentais conseqüentes de nossa maneira de organizar cognitivamente o mundo, podendo incluir um grande conjunto de informações (Cuenca; Hilferty, 1999).”

apresentado anteriormente sugere. Isso, pois, a partir do momento que se inicia o processo de abstração, o constituinte linguístico tende a se aprofundar nesse aspecto. Assim, a categoria a direita se constitui como o processo metafórico da anterior (MATELOTTA, 2010, p. 53), justificando o termo “metáfora categorial” admitido para esse processo.

Por fim, visando a descrição dos trabalhos envolvidos na análise do fenômeno em questão, se faz necessário apresentar a investigação de Braga e Manfili (2004) que foi fundamental para a construção do estudo. As autoras partiram de um *corpus* composto de artigos de jornais cariocas de grande circulação no Rio de Janeiro e 10 entrevistas do acervo do Projeto de Estudos do Uso da Língua (PEUL), sediado na UFRJ. No total, foram analisadas 175 orações complexas, com núcleo expresso e encabeçadas por **onde**. Dessa forma,

Quanto aos dados variáveis, nosso estudo revela que há diferenças significativas entre **SPrep / onde** no que concerne à correlação com modalidade: as ocorrências de **onde**, 29,00% (39/175) do total dos dados, tendem a se concentrar nos textos escritos. Encabeçando orações encaixadas, esta variante pode ser empregada em remissão anafórica a categorias cognitivas variadas, aqui rotuladas como **lugar (27/39=69,00%), atividade (3/39=7,50%), tempo (2/39=5,00%), objeto (2/39=5,00%), situação/estado (2/39=5,00%), noção (1/39=2,50%), instituição (1/39=2,50%) e produção discursiva (1/39=2,50%)**. (BRAGA, MALFILI, 2004, p. 238 [grifos das autoras]).

Devido ao baixo número de dados referentes às categorias não locativas, as autoras optaram por uma análise quantitativa com variação binária, ou seja, tomando o **onde** com referência a entidades [+ locativas] e entidades [- locativas].

Tendo em vista o posicionamento Sociofuncionalista assumido, tal qual os conceitos de gramaticalização e metáfora expostos, faz-se necessário algumas escolhas metodológicas para a análise proposta. Tais questões serão detalhadas na próxima seção.

### 3 Decisões metodológicas

Como anteriormente pontuado, a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas será utilizada como um recurso heurístico que permite uma investigação mais profunda acerca dos contextos de uso dos vários sentidos expressos pelas construções com **onde**<sup>4</sup>. Para compor o *corpus* de análise são utilizadas as amostras de fala do banco de dados IBORUNA do projeto ALIP (Gonçalves, s.d). Tal amostragem

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que o trabalho aqui apresentado e devidamente discutido se configura como um recorte de uma pesquisa maior com o intuito de abarcar o fenômeno em sua modalidade tanto **semasiológica** como **onomasiológica** (LEHMANN, 2002). Ou seja, um primeiro momento foi necessário pensar as funções de uma forma (**semasiologia**) para, posteriormente, averiguarmos um processo de variação *strictu sensu* entre as estratégias de relativização do PB (**onomasiologia**).

reúne um total de 152 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas segundo o perfil do informante, ou seja, a faixa etária, a escolaridade, o sexo/gênero e a sua renda familiar. Ademais, o banco de dados teve suas entrevistas do projeto ALIP construídas segundo cinco tipos textuais: Narrativa de Experiência, Narrativa Recontada, Descrição de Espaço, Relato de Procedimento e Relato de Opinião.

Partindo da indagação principal, se era possível verificar em que medida as distinções e os *continua* semântico-cognitivos propostos na literatura se manifestam na amostra analisada, foi feito um refinamento da categoria “não locativo”. Em meio a busca para averiguar o quanto os usos “desviantes” de **onde** integram um processo de gramaticalização, toma-se como base o trabalho executado por Braga e Manfili (2004). As autoras postulam categorias semântico-cognitivas em que esses usos de **onde** podem ser inseridos, tais como: **lugar, atividade, tempo, objeto, situação/estado, noção, instituição e produção discursiva**.

Porém, são necessárias algumas ressalvas no que concerne o uso do trabalho das referidas autoras. Em primeiro lugar, um desafio metodológico encontrado foi a falta de exemplos que ilustrassem para o que as autoras articularam com os dados e as categorias semântico-cognitivas, já que algumas delas não se encontram disponíveis no material consultado, como, por exemplo, nas categorias **noção** e **instituição**. Além disso, foi necessária a criação de mais uma categoria para dar conta de nossos dados: **lugar abstrato**. Em segundo lugar, o *corpus* utilizado para análise apresentava situações distintas: enquanto os dados utilizados pelas autoras eram constituído apenas por orações relativas com núcleo, o que aqui se discute apresentou outros tipos de construção, como relativas livres e completivas<sup>5</sup>.

Para a análise proposta, interessa um tipo específico de construção que exigiu uma ampliação dessas categorias. Tais construções receberam o nome, dentro da pesquisa, de orações **não relativas**, pois se aproximam das hipotáticas através das relações semânticas estabelecidas, como, por exemplo, **tempo, causa e consequência** (NEVES, BRAGA, 2016). No que concerne a sua estrutura, é interessante notar que a sua conexão com a oração precedente apresenta um grau mais frouxo de articulação, opondo-se, dessa forma, ao grau de encaixamento forte característico da **oração relativa com núcleo**. No entanto, essa articulação, ainda, se difere da **relativa livre** ou **completiva** pela diferença em seu tipo de integração (NEVES, BRAGA, 2006). Todas as características descritas podem ser averiguadas em:

- (3) às vez a mãe bebe demais o pai bebe demais e vai querê(r) í(r) falá(r) po filho – “num pode” –?... tipo uma que ele vai falá(r) – “por que que você pode e eu não posso?” – aí vai começá(r) a fazê(r) escondido... **e é onde o mundo tá do jeito que TÁ...** (AC-024; RO: L. 418-420)

<sup>5</sup> As discussões para os tipos de orações elencados no corpus supracitado pode ser encontrada em Almeida e Berlinck (2019).

Em (3), o falante parte de uma dada situação, descrevendo-a para que seu interlocutor compreenda a argumentação e conclui introduzindo uma oração encabeçada com **onde**. Não há um antecedente explícito, um núcleo ao qual uma oração relativa se liga, o encaixamento se dá de forma mais frouxa, como função semelhante ao de uma conjunção.

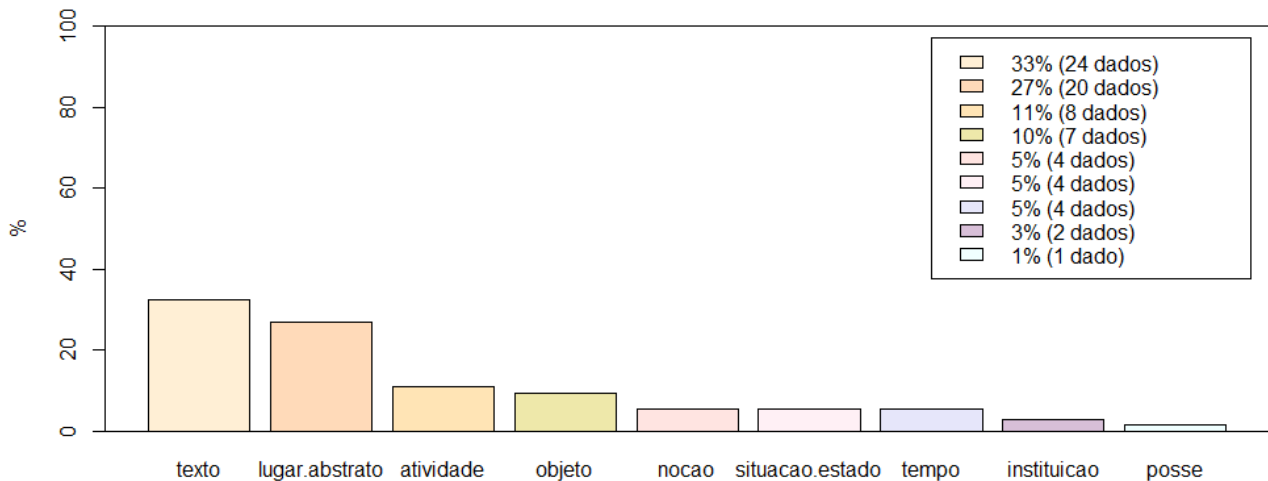
Dessa forma, tais construções foram realocadas para um categoria denominada **texto**, dado o caráter sintático e semântico do uso de **onde** nessas construções. Isso, pois, **onde** não se apresenta mais como um pronome relativo, seu uso se aproxima mais de um marcador discursivo, ou uma conjunção, com valores específicos na construção do discurso.

Com o intuito de aprofundar tal categoria, destrinchando o movimento de gramaticalização, e não apenas amalgamando um conjunto de dados com algumas especificações próprias, buscou-se destrinchar os usos em três categorias principais: **onde** como **operador conclusivo**, **onde** como **operador consecutivo** e **onde** como **operador explicativo**. Tais categorias foram tomadas a partir do trabalho de Melo e Barbosa (2018) e corroboram a visão inicial da categoria **texto**, dando continuidade ao mapeamento da construção alvo.

#### 4 Análise dos dados

O *corpus*, por sua vez, se constitui de 74 dados de **onde** não locativo em um total de 648 orações encabeçadas por **onde** – sendo, então, 574 casos locativos. Cabe ressaltar, mais uma vez, que é comum fenômenos morfossintáticos apresentarem baixa frequência (MILROY, GORDON, 2003). Esse fato, porém, não impede a comprovação de que existem os usos não prescritos gramaticalmente e que eles não se configuram como acasos. Os casos não locativos se dão de forma sistemática e respeitam uma norma de uso. O que impede, nesse momento, afirmações categóricas com uma baixa frequência – para isso seria necessário um *corpus* mais robusta. Dito isso, segue o **Gráfico 1** com a distribuição dos dados não locativos segundo as categorias semântico-cognitivas utilizadas para a análise.

**Gráfico 1** - Proporção de uso de **onde não locativo** no *corpus* analisados segundo as categorias semântico-cognitivas



**Fonte:** própria

As categorias semântico-cognitivas expostas confirmam o processo de abstração de **onde** dentro do processo de gramaticalização. Assim, podemos identificar que, apesar de ainda manter seu significado básico, uma referência forte ao mundo concreto, seus usos caminham para noções mais abstratas da realidade, tencionando cumprir uma função específica no discurso. Retomando o *cline* de Heine et al (1991) – **pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade** – a questão se torna ainda mais visível. Todos os dados apontam para momentos dentro da unidirecionalidade, em maior ou menor frequência.

Dessa forma, partindo das categorias que se aproximam mais da realidade biossocial, temos **lugar abstrato**, que é responsável por agrupar referências anafóricas aos objetos no mundo. Ela se coloca, então, como um intermediário entre uma categoria semântico-cognitiva concreta e uma categoria semântico-cognitiva abstrata, pois não é uma referência locativa física, tal qual prescrita na gramática tradicional, mas também não se condiciona a uma abstração maior como **texto** (produção discursiva) ou **atividade**. Assim, pensando no *cline* geral de categorias semântico-cognitivas de Traugott e Heine (1991) – **espaço > tempo > texto** –, estamos diante de um desenvolvimento de gramaticalização em um nível fronteiro entre um aspecto concreto – **espaço** – e um aspecto mais abstrato – **tempo**. Para exemplificar esse processo, apresentamos os seguintes dados de fala:

- (4) “então elas escreviam textos coerentes... ricos em detalhes... com bastante:: éh:: vocabulário de palavras... textos com:: uma história criativa... textos engraçados... **textos onde elas usavam muito... a imaginação...**” (AC-088; RO: L. 578-580)
- (5) “então o programa ele começa fazer(d)o a sua análise depois você passa isso pro programador o programador cria TOda o **o banco de dados de um sistema... onde vão sê(r) armazenadas essas informações...**” (AC-099; RP: L. 398-400)

Em (4) a oração encabeçada por **onde** tem por núcleo o sintagma nominal **texto** que, segundo a tradição gramatical, não se caracterizaria como um lugar físico. Logo, o uso em (4) de **onde** se coloca como desviante da norma prescrita pelas

gramáticas tradicionais. Apesar disso, ainda podemos apontar um traço [+locativo] para a construção, mesmo que de modo abstrato. O mesmo pode ser observado em (5): **o banco de dados de um sistema** não se apresenta como um lugar no mundo, mas por um viés abstrato, ainda se identifica esse caráter.

Dando continuidade à análise das categorias, as relações semântico-cognitivas **atividade, situação/estado, tempo, objeto e instituição**, apresentam-se nos seguintes exemplos:

- (6) **Atividade:** “bisca se joga com ((risos)) cartas baralho né? é tipo é **um jogo de baralho... êh:: onde... cada carta tem um valor diferente...** e:: cê vai durante o jogo né?... cê pode jogá(r) de dois ou de quatro...” (AC-049; RP: L. 153-155)
- (7) **Situação/estado:** “[Inf.: então mas] porque corre o risco tam(b)ém... que [muita estrela] [Inf.: mas aí] num/ num... num se bica né? mas aí **eu acho que é onde entra o técnico... de verdade mesmo...**” (AC-053; RO: L. 417-419)
- (8) **Tempo:** “terríveis... terrível **os últimos dois anos onde eu passei a desconfiá(r) que ele tinha... caso** com uma colega de trabalho” (AC-110; NE: L. 60-61)
- (9) **Objeto:** “aí tem a catena... a catena legiônica... que é a oração legionária né?... que é a a oração principal da (Tetra) né? que a (Tetra) é **um folheto onde tem as orações legionárias... né?**” (AC-023; RP: L. 394-395)
- (10) **Instituição:** “é isso eu acho que é a base é a estrutura de toda de todo lugar pra se vivê(r) né?...porque na igreja é uma família em casa **é uma família onde você passa... você vê alguém alguém veio de algum lugar...**” (AC-112; RO: L. 289-291)

Todos os dados apresentados podem ser interpretados segundo a **Metáfora do Container** de Lakoff e Johnson (1980). Essa questão toma o indivíduo como um container, com uma superfície e uma orientação para dentro de si, que se coloca e se projeta nos espaços e nos outros ao redor. Logo, o processo metafórico se efetua no campo visual, nos eventos, nas ações, nas atividades e nos estados que se adaptam como container, ou seja, espaços e locais em que o falante “adentra”.

No caso das frases acima expostas, os sintagmas nominais são transformados em **lugar** pelo uso do pronome, que ainda carrega em si muito do valor semântico locativo, apesar de sua expansão para categorias mais abstratas (tal qual projetadas pelo *cline* geral de Traugott e Heine (1991)). Isso se justifica pela questão da **persistência semântica e funcional** dos usos linguísticos, ou seja, “manifestada na preservação de marcas da categoria fonte na categoria alvo. Assim tomada, a mudança categorial, ou gramaticalização, prevê a manutenção de vestígios de fases mais antigas dos constituintes” (OLIVEIRA, 2010, p. 33).

Isto posto, o falante opta pela construção encabeçada por **onde** para expressar essa complexidade de ver tais categorias semântico-cognitivas como uma forma de container – são “espaços” mentais inseridos em um determinado espaço-tempo que, em casos como o de (9), podem ser palpáveis. Recuperando o *cline* de categorias semântico-cognitivas de Traugott e Heine (1991), podemos apontar que os dados que compõem essas categorias estariam, tal qual o **lugar abstrato**, em um nível

intermediário de mudança, caminhando para a abstração mais “pura” através do mecanismo metafórico exposto.

Por outro lado, os dados que se inserem na categoria **texto** apresentam uma configuração diferente. Esses apresentam uma abstração maior e a referência locativa se torna mais obscura. Abaixo, estão alguns exemplos de tal construção:

- (11) “e na classe hoje em dia ninguém respeita mais ninguém... éh a maioria são tudo vândalo são tudo moleque que pensa que/ que é o rei da escola e joga papel e faz guerrinha... quebra o ventilador pega o giz da professora fica tacan(d)o nos o(u)tros... **e é onde atrapalha porque a gente vai num lugar...** pra estudá(r) e o local tem que tê(r) silêncio... num pode tê(r)... gente bagunçan(d)o tacan(d)o papel...” (AC-024; RO: L. 359-364)
- (12) “eu pensava em tê(r) uma empregada tê(r) minha vida assim mas a minha mãe... não quis... ela quis ELA por que n/ vó CRIÁ(r)... que era sangue dela tam(b)ém... **então onde que... eu de(i)xei com a minha mãe...**” (AC-142; NE: L. 23-24)
- (13) “e criá(r) confusão brigas aí meu filho veio... a passá(r) problemas que eu não queria que passasse... **onde que eu comecei procurá(r) igrejas** a qual me ajudô(u) muito que eu tinha abandonado es/ essa parte de igreja vivia mais... em shopping...” (AC-142; NE: L. 28-30)
- (14) “D: agora você pode me falá(r) alguma coisa que aconteceu com você que você tenha vivido... vivenciado... qualquer coisa tá jóia? Indf: é a respeito da minha enfermidade... **é onde foi uma experiência de vida...** e que... eu re/ eu assim eu relaxei c’a minha saúde... num ia fazê(r) o exame de... preventivo do câncer de mama... e quando eu fui eu já tinha/ já tava a doença avançada...” (AC-126; NE: L. 1-7)

A construção sintática do discurso do falante se configura de modo diferente dos apresentados anteriormente: aqui, a oração não contém um núcleo. A articulação com a oração anterior se dá de modo mais frouxo, ainda que seja possível depreender um vínculo semântico de dependência. Dessa forma, averigua-se que esse uso de **onde** se assemelha a uma conjunção, não a um pronome relativo, principalmente quando nos atentamos para sua composição semântica.

Dada essa problemática, é fulcral investigar como essa reconfiguração sintática e semântica se condiciona dentro da porção de dados classificadas como **texto**. Não é produtivo, apenas, amalgamar esse conjunto diverso sem refletir suas características. O que se objetiva é uma compreensão maior do processo de abstração de **onde** e, por isso, após uma revisão bibliográfica, com base o trabalho de Melo e Barbosa (2018), classifica-se os dados em: **onde** como **operador conclusivo**, **onde** como **operador consecutivo** e **onde** como **operador explicativo** (MELO, BARBOSA, 2018).

- (15) **Operador conclusivo:** “e na classe hoje em dia ninguém respeita mais ninguém... éh a maioria são tudo vândalo são tudo moleque que pensa que/ que é o rei da escola e joga papel e faz guerrinha... quebra o ventilador pega o giz da professora fica tacan(d)o nos o(u)tros... **e é onde atrapalha porque a gente vai num lugar...** pra estudá(r) e o local tem

que tê(r) silêncio... num pode tê(r)... gente bagunçan(d)o tacan(d)o papel...” (AC-024; RO: L. 359-363)

- (16) **Operador consecutivo:** – “eu vô(u) te mandá(r) embora porque você de(i)xô(u) de fazê(r) isso” – tipo assim... **ai era onde eu já num aceitava** e falava pra ela – “eu num sô(u) sua empregada... eu sô(u) sua nora eu te ajudo porque eu quero mas você não me paga pra mim limpá(r)” (AC-142; NE: L. 23-24)
- (17) **Operador explicativo:** “Doc: D. agora você pode me falá(r) alguma coisa que aconteceu com você que você tenha vivido... vivenciado... qualquer coisa tá jóia? Inf: é a respeito da minha enfermidade... **é onde foi uma experiência de vida...** e que... eu re/ eu assim eu relaxei c’a minha saúde... num ia fazê(r) o exame de... preventivo do câncer de mama... e quando eu fui eu já tinha/ já tava a doença avançada...” (AC-126; NE: L. 1-7)

Em (15) a oração encabeçada por **onde** tem uma função de conclusão em relação a sequência narrada anteriormente, como se toda aquela situação culminassem no fato de atrapalhar o momento da aula e dificultar o desenvolvimento da turma. No *corpus*, foram encontrados 4 usos de **onde** como **operador conclusivo**.

Em (16) o valor da oração encabeçada pelo item tem traços semelhantes ao exemplo anterior, mas ao invés de denotada uma conclusão, tem um traço maior de consequência da narrativa. Para essa construção, foram encontradas 15 recorrências de **onde como operador consecutivo**.

Por fim, em (17) o item introduz uma oração que tem por função explicar algo dito anteriormente pelo falante. Foram encontradas 5 dados que caracterizam **onde** como **operador explicativo**.

Ainda restam outras duas categorias que concentram uma frequência menor de dados: **noção** e **posse**. A primeira agrega usos de **onde** que introduzem um ponto de vista a respeito de um tópico, ou seja, uma ideia abstrata acerca de um tema. O único dado analisado como **posse** expressa um tipo de relação genitiva entre o núcleo (antecedente) e um elemento da oração relativa. Seguem-se dados que ilustram, respectivamente, o primeiro e o segundo caso:

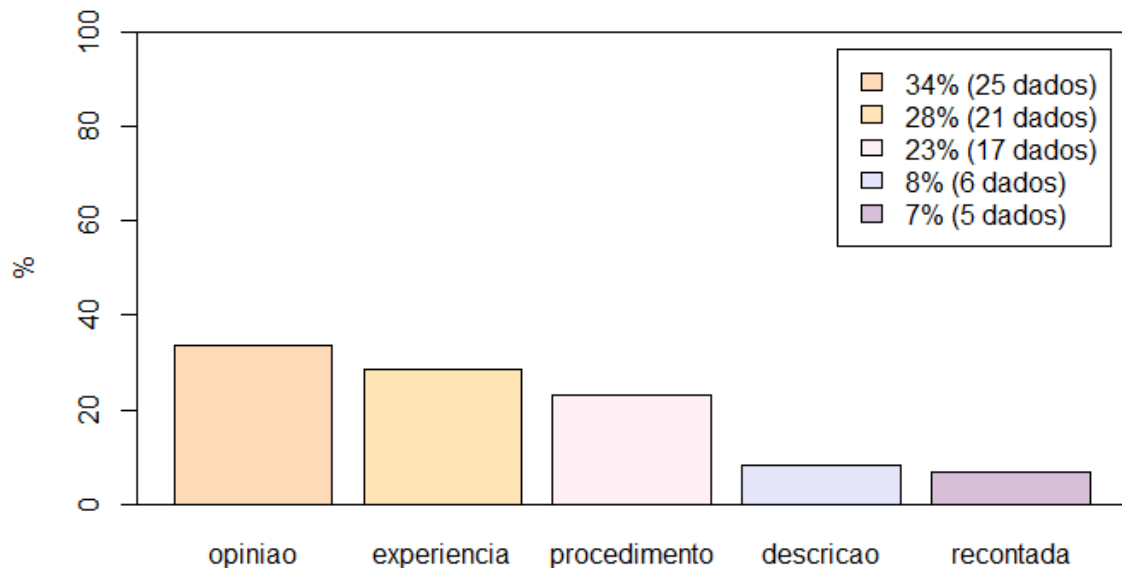
- (18) Inf.: também::... mas eu acho que daí acho que professor também... ele pode contorná(r) isso porque **o professor Sabe dando a matéria onde que o aluno vai tê(r) dúvida...** lógico que nem todo alunos... vão tê(r) a mesma dúvida mas:: ele pode dá(r) ênfase numa coisa... num determinado assunto né? (AC-081; RP: L.239-243)
- (19) “e aí você tem que tá trabalhan(d)o com todos esses... pré-requisitos né?... antes de iniciá(r)... a alfabetização em si... e:: eu:: tenho como experiência quando eu trabalhei com uma prime(i)ra série... **eu tive a experiência de crianças... onde os pais... tinham o hábito de lê(r) historinhas pra elas...** mesmo... antes de:: de escrevê(r) né? de lê(r)... e tive também né?... a experiência com crianças que só veio tê(r) contato com livro na escola...” (AC-088; RO: L. 543-548)

Em (18) observa-se a opinião do falante a respeito do processo de ensino e aprendizagem dentro de uma sala de aula e a postura do professor diante da dificuldade dos alunos. Em (19) temos “crianças” e “pais” que proporciona uma paráfrase possível: “crianças cujos pais tinham o hábito (...)”. Assim, sempre que

podemos substituir por “cujo” é esse o sentido e, em alguns casos, o sentido se mantém o mesmo sem a substituição por “cujo”.

Por fim, como forma de corroborar todos os dados de análise até então apresentados, serão apresentados a distribuição de **onde** não locativos segundo o **tipo textual**, assim como o cruzamento entre esse grupo de fatores e as categorias semântico-cognitivas.

**Gráfico 2** - Proporção de uso de **onde não locativo** no *corpus* analisados segundo o **tipo textual**



**Fonte:** própria

Através dessa distribuição, é interessante apontar como a concentração de dados não locativos se dá, especialmente, nos tipos textuais que propiciam contextos mais abstratos. Isso, pois, a construção do **Relato de Opinião** se concentra na argumentação do falante ao redor de um tópico escolhido, enquanto a **Narrativa de Experiência** se trata de um espaço de rememoração e, assim, contém grandes aspectos temporais e explicações por parte do falante. Tais afirmações se tornam ainda mais visíveis quando cruzamos esse fator com as categorias semântico-cognitivas expostas anteriormente:

**Tabela 1** – Cruzamento entre tipo textual e categorias semântico-cognitivas<sup>6</sup>

Categorias semântico-cognitivas	Tipos textuais				
	Relato de Opinião	Narrativa de Experiência	Relato de Procedimento	Descrição de Espaço	Narrativa Recontada
<b>Texto</b>	4	15	2	2	1
<b>Lugar abstrato</b>	10	3	2	3	2

<sup>6</sup> Foram utilizados os valores de frequência para a constituição da tabela, já que a quantidade de dados é reduzida e os valores de proporção poderia enviesar a interpretação

<b>Atividade</b>	2	2	4	0	0
<b>Objeto</b>	0	0	6	0	1
<b>Noção</b>	2	0	2	0	0
<b>Situação/Estado</b>	4	0	0	0	0
<b>Tempo</b>	0	1	1	1	1
<b>Instituição</b>	2	0	0	0	0
<b>Posse</b>	1	0	0	0	0

**Fonte:** Própria

O **Relato de Opinião** se mostrou mais propício para uso de **lugar abstrato**, seguindo para **texto**, **situação/estado**, **noção**, **instituição** e **posse**. Para compreender o processo que justifica tal uso, se faz necessário remontar Metáfora do Container de Lakoff e Johnson (1980) e a persistência semântica e funcional. Ou seja, dentro do movimento de argumentação do falante, se faz necessária uma noção mais concreta para fundamentar suas opiniões. Assim, através de um espaço interpessoal, abstrato, de seu ponto de vista, o falante utiliza um item linguístico com traço [+ locativo], ou seja, concreto, que vem a contribuir para a tentativa de uma argumentação coerente e palpável – como um container.

Como mostram os exemplos (16) e (17), o uso de **texto** em **Narrativa de Experiência** perpassa a necessidade discursiva do falante de trazer um operador conclusivo, consecutivo e explicativo concreto para a narrativa, o que justifica a incidência tão alta. Tal qual o exposto para **Relato de Opinião**, **lugar abstrato** e **atividade** apresentam concretude para a narrativa<sup>7</sup>.

Por conseguinte, a relação de **atividade/objeto/tempo**, tal qual **lugar abstrato**, com **Relato de Procedimento** perpassa a descrição de uma receita ou algum tipo de atividade com que esteja familiarizado, isto é, destrinchando o passo a passo dos acontecimentos.

Em contrapartida, **Descrição de Espaço** e **Narrativa Recontada** se apresentam como tipos textuais com maior frequência para **onde** locativo. Isso se dá, pois, tratam de espaços mais concretos. O primeiro, principalmente por descrições de lugares físicos, é extremamente prototípico para o uso prescrito gramaticalmente do item. O segundo, mesmo se tratando de uma narrativa, por se referenciar de uma situação “recontada”, se torna mais impessoal do que a **Narrativa de Experiência**, e diminui, assim, a necessidade do falante de colocar determinados sentimentos e situações mais abstratas em um campo mais concreto pra se fazer ser entendido.

<sup>7</sup> A categoria **tempo**, por outro lado, poderia ser mais esperada dentro desse tipo textual e o número reduzido de dados pode ter contribuído para uma falta nessa questão.

## 5 Considerações Finais

Através dos exemplos expostos foi possível averiguar o processo de gramaticalização de **onde** e apontar para a trajetória do item dentro de um processo de abstração de seus sentidos e suas funções, para além de sua reconfiguração sintática.

Compreende-se, de tal modo, que o número reduzido de dados não permite afirmações categóricas, mas a investigação vem no sentido de complementar a bibliografia já existente sobre o fenômeno e propor futuros olhares para **onde**, buscando um refinamento das categorias semântico-cognitiva. Principalmente, sobre como a cognição pode estar extremamente associada ao uso, na tentativa do falante de buscar uma situação concreta – uma referência locativa – em meio a abstração.

Provou-se, portanto, que a gramaticalização, os *continua* de abstração e a metáfora, são meios produtivos para averiguar o processo de mudança linguística que o pronome relativo ou advérbio adverbial (relativo) **onde** tem sofrido ao longo dos anos.

## Referências

- ALMEIDA, M. A.; BERLINCK, R. A. "Por onde anda você?" – Sobre a norma e o uso de onde na fala paulista. *Revista Diálogos*, v. 7, n. 1, 2019.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRAGA, M.; MANFILI, K. Essa é a preocupação onde eu quero chegar: "onde" em referências anafóricas no português do Brasil. *Veredas* 8 (1-2), 2004. p.233-243.
- CAMBRAIA, C.N; ARAÚJO, L.E.S. Variação em locativos no português de Belo Horizonte: estudo sociolinguístico. *Paralelo 20*, Belo Horizonte, n. 2, dez. 2004. p.123-132.
- CASTILHO, A.T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FREITAG, R. M. K. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p. 115-132, jan./jun. 2009.
- GONÇALVES, S. C. L. G. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em 09/03/2020.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GORSKI, E.; TAVARES, M.A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*. Natal/RN. Volume 15 Número especial, 2013. p.79-101.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. New York, Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.
- LABOV, W. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. (eds) *Sociolinguistics: The Essential Readings*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p.234-250.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 3: Cognitive Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, n.7, p.171-182, 1978.

- LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 2 ed. Erfurt: Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität
- LIMA, S.; COROA, M.L.M.S. Recategorização, semantização e discursivização na trajetória de gramaticalização do onde. *Via Litterae*, Anápolis, v. 5, n. 2, p. 307-333, jul./dez, 2013. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae>>.
- MARINHO, J. H. C. O uso do onde no texto acadêmico. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.159- 170, jan./jun. 1999.
- MARTELOTTA, M. E. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDEZ, M.C. *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, A. I.; FARIA, I. H.; (e FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2003.
- MELO, R. M.; FRANCA, J. C. O item onde e suas rotas de mudança: uma abordagem à luz da teoria da gramaticalização. In: II Congresso Brasileiro sobre Letramentos e Dificuldades de Aprendizagem (CONBRALE), 2018, CAMPINA GRANDE. Anais II CONBRALE. CAMPINA GRANDE: Realize, 2018. v. 1. p. 1-10.
- MILROY, L.; GORDON, M. Beyond Phonology: Analyzing and Interpreting Higher Level Variation. In: MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: Method and Interpretation*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- NEVES, M.H.M.; BRAGA, M.L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, M.H.M. (org.) *A construção das orações complexas (Gramática do português culto falado no Brasil, v. 5)*. São Paulo: Contexto, 2016. p.124-166.
- OLIVEIRA, M. R. de. Categorias cognitivas em debate: a trajetória dos pronomes locativos em destaque. In: LIMA-HERNANDEZ, M.C. *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. Brasília: Companhia Melhoramentos, 2001.
- SOUZA, E. H. P. M. de. A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador. 2003. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- SOUZA, I. G. de; CARVALHO, C. dos S. Usos de Onde na Escrita: Multifuncionalidade, Abstratização Semântica e Gramaticalização. In: LOPES, N. da S.; SANTOS, E. S. dos S.; CARVALHO, C. S. de. *Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas, Fim Comum*. São Paulo: Blucher, 2019, p. 197-214.
- WEINER, E. J.; LABOV, W. Constraints on the Agentless Passive. *Journal of Linguistics*, Great Britain, v. 19, n. 1, p. 29-58, 1983.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]
- ZILLES, A. M. S.; KERSCH, D. F. Onde: prescrição, proscricção, descrição e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). *Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 145-187

# “Where are you now?” - An investigation of *onde* in non-locative contexts at paulista speech

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicity:**

Thematic issue

**Volume 5**

**Number 2**

**Received in:** XX/XX

**Approved in:** 05/06/2020

## **Abstract:**

This article aims to propose reflections on the grammaticalization of **onde**, already attested by previously studies (MARINHO, 1999; SOUZA, 2003; BRAGA, MANFILI, 2004; CAMBRAIA, ARAÚJO, 2004; LIMA, 2007; ZILLES, KERSCH, 2015 ; MELO, BARBOSA, 2018; ALMEIDA, BERLINCK, 2019; SOUZA, CARVALHO, 2019). Thus, it is intended to investigate the semantic-cognitive categories that the item refers to through the concepts of grammaticalization and metaphor (LAKOFF, JOHNSON, 1980; TRAUGOTT, HEINE, 1991; HEINE et al, 1991), pointing to a course of abstraction semantics. Therefore, it is also of interest to relate how and why such more abstract uses are related within different textual typologies. The corpus used was built using the IBORUNA database, from the ALIP project (Gonçalves, s.d) and the data quantification was made from R (CORE TEAM, 2018). 74 uses of **onde** in non-locative contexts were analyzed, attesting to its multifunctionality. Thus, the work contributes to the bibliography of **onde**, as it seeks to bring new perspectives to the syntactic phenomenon.

## **Keyword:**

Relative pronoun **onde**, Grammaticalization, Metaphor.